

O RISCO ONCOLÓGICO E A HISTÓRIA DA SAÚDE NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

O CASO PORTUGUÊS NO CONTEXTO MUNDIAL (1889-1939) [PARTE II]

Rui Manuel Pinto Costa

Enfermeiro do Serviço de Transplante de Medula Óssea, IPOFG Porto

Investigador do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar: Cultura, Espaço, Memória - Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Desde finais do século XIX que a doença oncológica começou a assumir um lugar de progressivo destaque nas políticas de saúde pública das sociedades ocidentais. O discurso médico assente no emergente risco oncológico formatou o movimento mundial que mais tarde viria a ser englobado pela designação genérica de “luta contra o cancro”. Através de uma breve análise histórica, é possível detectar os ecos que o “risco do cancro” teve em Portugal, e de que modo se fizeram sentir.

PALAVRAS-CHAVE: história; cancro; teorias; risco oncológico.

Since the end of the 19th century that cancer started to assume a gradual prominence in the western world's public health policies. The emerging “risk of cancer”, introduced by the medical speech, formatted a world-wide movement, later known as the “fight against cancer”. Through a brief historical analysis, it is possible to detect the echoes that the “risk of cancer” had in Portugal, and in what way it was felt.

KEYWORDS: history; cancer; theories; cancer risk.

Na segunda parte deste artigo, o autor dá continuidade à análise histórica do risco oncológico como factor promotor da luta contra o cancro a nível internacional, afluando os ecos que acabou por ter em Portugal.

O lugar do cancro e a estatística sanitária

Se bem que existissem evidências estatísticas sobre a mortalidade por cancro ao longo do século XIX, os primeiros estudos de amplitude mundial saíram da pena de Frederick Hoffman, de acordo com um trabalho realizado entre 1912 e 1914, posteriormente publicado em 1915 e com edições posteriores. E se por um lado o estudo de Hoffman mostrava a ausência de

homogeneidade na frequência do cancro a nível mundial, o continente mais exposto era claramente o europeu, com uma mortalidade anual de 76,6 por 100.000 habitantes, seguindo-se a Oceania (73), a América do Norte (65,7), a Ásia (54,4) e a África (33,4). No seio da Europa, os números eram claramente mais elevados no norte e centro, do que no sul do continente.